

NARRATIVAS SURDAS A PARTIR DA LITERATURA SURDA PRODUZIDA EM LIBRAS

DOI: 10.47677/GLUKS.V23I2.381

Recebido: 10/06/2023

Aprovado: 29/08/2023

LEMOS, Andrea Michiles¹

ROMÃO, Tito Lívio Cruz²

RESUMO: A ideia deste trabalho surgiu a partir dos estudos desenvolvidos na disciplina “Estudos de Narrativas”, realizada no curso de doutorado do PPGLetras da Universidade Federal do Ceará. Nesta breve pesquisa nos propomos a investigar como as narrativas e as memórias surdas estão presentes e se manifestam através da Literatura Surda, buscando verificar em que medida o texto literário, aqui analisado, produzido em Libras, faz (ou não) interseção no tocante aos elementos culturais das narrativas surdas. Para isso, estabelecemos um diálogo entre os textos estudados e discutidos na disciplina, de autores como Adichie (2019), Assman (2011) e os estudos desenvolvidos na área dos Estudos Surdos com Lane (1992), e mais especificamente acerca da Cultura e Literatura Surda, com autores como Karnopp (2006; 2008; 2010), Sutton-Spence (2011; 2021), Sutton-Spence e Quadros (2006), dentre outros. Para a análise, escolhemos o texto sinalizado *Poesia surda para sempre*, produção literária em língua de sinais de autoria de Rodrigo Custódio da Silva.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Surda, Narrativas Surdas, Poesia, Língua Brasileira de Sinais.

Introdução

O principal texto motivador para este estudo foi o texto de Chimamanda Adichie, *O perigo de uma história única* (2019), no qual a autora nos conta sobre algumas de suas experiências vividas e nos mostra a importância de conhecermos os vários lados que podem ter uma história. Adichie nos diz que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma

¹ Mestre em Linguística. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Professora do Departamento de Educação (DEDUC) do Instituto Federal do Ceará - IFCE. E-mail: andrea.lemos@ifce.edu.br

² Doutor em Estudos da Tradução. Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: cruzromao@terra.com.br

história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Essa fala da autora nos remeteu a história da comunidade surda que, durante muito tempo, foi contada por uma única voz, uma única história, a história da deficiência.

Na história da surdez enquanto deficiência, não há lugar para o protagonismo do sujeito surdo, ao contrário, os surdos estariam na condição de espera para serem salvos por pessoas ouvintes. No viés desta história única da surdez é imputado aos surdos uma série de estereótipos que os colocam numa condição de submissão e de não competência em relação aos ouvintes, afinal, eles seriam pessoas socialmente isoladas, comportamental e intelectualmente fracas, e emocionalmente imaturas (LANE, 1992). Caberia ao ouvinte a tarefa de “civilizar” o surdo e torná-lo apto a estar inserido socialmente, já que os ouvintes, como detentores de uma suposta autoridade sobre os surdos, regulariam a conduta daqueles que estariam sob o seu controle.

No entanto, como nos mostra Lane (1992), as características atribuídas às pessoas surdas pelos ouvintes nos revelam muito mais uma tentativa de “relação de colonização” do que uma condição da pessoa surda; uma vez que essas características “refletem não as características dos surdos, mas sim a posição paternalista dos especialistas ouvintes que fazem essas atribuições” (LANE, 1992, p. 49). Durante muito tempo, os especialistas (ouvintes) que falavam sobre surdez, normalmente, não conheciam os surdos e não conseguiam vê-los em sua complexidade, então construía imagens dos surdos “de acordo com as suas próprias experiências e desejos” (LANE, 1992, p. 48).

Adichie (2019) chama-nos a atenção para o quanto a história contada por uma única voz rouba das pessoas a sua dignidade. Quando falamos sobre uma única história, falamos também de relação de poder. A história da comunidade surda é marcada por uma “disputa de poder” entre surdos e ouvintes, na qual, claramente, temos dois grupos que têm pontos de vistas diferentes, com conceitos sobre surdos e surdez distintos e que defendem posições radicalmente contrárias sobre a condição do surdo no mundo. E é nessa disputa de poder, na qual o ouvinte tenta impor uma narrativa/prática do que seja ser surdo, que surge o conceito de “audismo”³, termo criado pelo educador e autor surdo Tom Humphries⁴ e hoje utilizado por vários pesquisadores surdos da área.

³ Outro termo utilizado e muito difundido nos Estudos Surdos para designar o conceito de “audismo” é o termo “ouvintismo”.

O audismo é a instituição corporativa para lidar com os surdos, fazendo declarações sobre eles, aprovando opiniões sobre eles, descrevendo-os, dando lições sobre eles, orientando o local em que frequentam as aulas, e em muitos casos, onde moram; em suma, o audismo é a forma de dominação dos ouvintes, estruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda (LANE, 1992, p. 52 – 53).

Na narrativa/prática audista, o sujeito surdo não tem lugar de fala, os protagonistas da história da surdez são os ouvintes. Atualmente, há um movimento muito forte contrário a essa narrativa/prática audista, movimento este liderado por pessoas surdas que expressam a sua língua, a sua cultura e a sua arte, dentre elas a literatura, como forma de se colocar politicamente no mundo.

Em *O perigo de uma história única*, a autora inicia o texto falando de sua experiência com a literatura (europeia), da descoberta de uma literatura diversa, da importância do reconhecimento do “eu”, de se descobrir representada nessa jornada literária; mostra-nos o quanto é fundamental, num processo formativo, os povos terem acesso à sua própria literatura. O texto de Adichie (2019) nos levou a refletir sobre a importância e a necessidade de o sujeito ter acesso à diversidade literária e à literatura de seu próprio povo. Nesse sentido, com este trabalho intencionamos somar voz a tantos outros textos que falam sobre a relevância da Literatura Surda como expressão de representatividade de uma comunidade que tem língua e cultura próprias e que pode contar/narrar a sua história resgatando a memória de seu povo.

O mundo surdo em narrativas

Narrar, contar histórias é uma prática que atravessa gerações. Essa prática, geralmente, surge em contextos familiares e/ou nos diversos grupos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos. As narrativas estão sempre ligadas à memória de um povo. Para compreendermos as raízes, a história e a cultura de um determinado grupo, é importante recorrermos às narrativas contadas pelos sujeitos pertencentes a esse grupo. A partir das vivências e histórias

⁴ Professor associado do Departamento de Estudos Educacionais e do Departamento de Comunicação da Universidade da Califórnia em San Diego. Publicou livros didáticos de ASL amplamente utilizados. E é coautor com Carol Padden de *Deaf in America: Voices from a Culture* (1988) e *Inside Deaf Culture* (2005), ambos da Harvard University Press, bem como é autor de vários artigos.

narradas podemos conhecer e entender os acontecimentos históricos, os movimentos nas relações de poder e o processo de transformação de uma comunidade.

A narração de histórias é fundamental para que haja a vivência do pensar e do criar o novo, que não representa exatamente quem somos, mas o que estamos nos tornando, a narração de histórias pode nos ajudar a refletir sobre a ‘rigidez’ das verdades estabelecidas. A História está em constante mudança, e as memórias serão sempre transformadas pelo coletivo social. Esse processo é importante para a construção de um patrimônio cultural. Stuart Hall (1997, p. 29) afirma que “a cultura nada mais é do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”.

Na perspectiva dos Estudos Culturais e nas palavras de Assman (2011, p. 23-24), os “indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas”. Dessa forma, compreendemos que a língua é um elemento essencial para a interação social e está diretamente relacionada ao construto cultural de um povo. O povo surdo tem a língua de sinais, sua primeira língua e expoente principal da Cultura Surda, como meio de comunicação e interação social, e é através dela que os surdos se comunicam, acessam o mundo e interagem com ele, assim como também marcam a sua diferença linguística e cultural do meio linguístico majoritário no qual estão inseridos.

O surdo é visto como minoria linguística que transita e se constrói subjetivamente por meio de duas línguas que têm lugares e valores diferentes para ele. A língua de sinais é considerada a primeira língua (L1) do indivíduo surdo, não por ter chegado primeiro – temporalmente falando –, mas por ser plenamente acessível ao funcionamento visual do surdo, escolhida como língua de representação da realidade, língua na qual o surdo sonha, conta piadas, discute, faz suas reflexões interiores etc. Por outro lado, a língua majoritária é a segunda língua (L2) e precisa ser apreendida com mediações específicas, e certamente será usada em ocasiões também específicas.

No nosso caso, o sujeito surdo brasileiro possui a sua língua, a Língua Brasileira de Sinais – Libras e pertence a comunidade surda brasileira que tem a sua própria cultura; mas, também, ele está imerso na língua/cultura de ouvintes e convive com a língua e com a cultura

dos ouvintes brasileiros. O surdo é, essencialmente, um sujeito bilíngue e bicultural e está imerso num mundo onde circulam, no mínimo, duas línguas e duas culturas.

Para Alfredo Bosi (1992), devemos ser capazes de reconhecer o caráter plural do termo cultura, e falarmos de culturas brasileiras, uma vez que não é possível falarmos de apenas uma cultura brasileira, pois não podemos aglutinar todas as manifestações culturais e espirituais do povo brasileiro em uma uniformidade cultural. Embora, muitas vezes, exista uma tentativa da sociedade em padronizar, homogeneizar a cultura brasileira, numa chamada “identidade cultural” brasileira, para Alfredo Bosi (1987),

não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (BOSI, 1987, p.7).

Dessa forma, quando aqui nos referimos a Cultura Surda, não estamos falando de uma cultura homogênea que se aplica a toda e qualquer comunidade surda, mas falamos de uma cultura plural que é vivenciada, a partir de suas experiências, por cada comunidade específica. No entanto, “há alguns valores e experiências que os surdos, independente do local onde vivem **[e da língua que falam]**, compartilham” (KARNOPP, 2006, p.99-100, grifo nosso), todos são surdos – fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda – e vivem numa sociedade ouvinte (WILCOX e WILCOX, 2005).

De acordo com Ferreira Brito (1993, p.75), “o problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação de sua língua materna, mas, sobretudo a privação de sua identidade cultural”. A comunidade surda sempre fez uso da língua de sinais para contar as suas histórias (de vida, educacionais e literárias, nos mais diversos gêneros), narrativas estas que passam de geração a geração e permitem que os sujeitos se reconheçam e estabeleçam um elo identitário. Atualmente, com o advento da tecnologia e da escrita de sinais tem sido possível realizar os registros das narrativas surdas em língua de sinais por meio de vídeos e por meio da própria escrita de sinais⁵. Compreendemos que a partir da língua de sinais, os surdos se reconhecem enquanto sujeitos partícipes de uma comunidade, além de essa língua ser o maior e mais importante artefato cultural da Cultura Surda.

De acordo com Karin Strobel (2008), Cultura Surda

⁵ Não somente através dos registros realizados em língua portuguesa como foi feito durante muito tempo.
Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2

é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

As significações do mundo em volta do surdo estão ligadas às suas experiências visuais, pois é através delas que se forma o sujeito surdo com uma língua, identidade e cultura diferenciada. Ao surdo, como pertencente a uma minoria linguística que tem uma identidade cultural definida, cabe o direito de ter a sua literatura própria, a chamada Literatura Surda.

Literatura Surda: o que os surdos têm a dizer

Para Karnopp (2006), a Literatura Surda surge na comunidade surda, “como um desejo de reconhecimento”, um povo que busca o seu lugar, busca ser reconhecido pela sua língua e por sua cultura. Conforme Karnopp (2006, p. 100), “a literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas”. A Literatura Surda se realiza a partir das vivências e experiências visuais do sujeito surdo, ou seja, as manifestações e as produções literárias acontecem a partir das experiências visuais do povo surdo.

As narrativas surdas apresentam “importantes elementos de análise sobre os processos de representação, produção e circulação das identidades surdas e de seus diversos marcadores culturais” (MIANES, MÜLLER, FURTADO, 2011, p. 57). As produções literárias da comunidade surda podem se dar por três vieses, o da tradução, o da adaptação e o da criação, que serão brevemente apresentados adiante. A presença da Literatura Surda na vida da comunidade surda reafirma a diferença linguística e cultural do povo surdo. As produções literárias dessa comunidade minoritária podem, de certa maneira, ser classificadas como uma literatura de resistência.

De acordo com Karnopp (2010, p.7), fazem parte da Literatura Surda as

histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a Cultura Surda presentes na narrativa. Literatura Surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

A Literatura Surda sempre esteve presente no meio do povo surdo através das histórias contadas em sinais, o registro dessas histórias contadas no passado pode ou não permanecer na memória de algumas pessoas. Ainda nos dias atuais, os surdos idosos mantem a prática de transmitir a sua herança cultural aos mais novos, contando-lhes suas histórias. As histórias possuem grande carga cultural. Contar histórias é um caminho para transmitir a herança e a identidade culturais de um povo, além de assegurar que a sua língua se mantenha viva ao longo das gerações. Caso comparada a outras literaturas, “a Literatura Surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente” (KARNOPP, 2008, p. 01).

O lugar de fala das pessoas surdas, como vimos no início desse texto, foi silenciado durante muito tempo. Houve uma proibição do uso da língua de sinais em nome de uma “normalização” da pessoa surda. Ou seja, na busca da cura da surdez, houve uma tentativa de transformar a pessoa surda em um sujeito “ouvinte”. Essa tentativa de “normalização” impossibilitava a pessoa surda ter acesso à sua língua e à sua cultura, dificultando ao surdo a experiência e a vivência de uma literatura própria.

De acordo com Karnopp (2008, p.3), “enquanto a Libras não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas, também não existiam publicações ou o reconhecimento de uma Cultura Surda ou de uma Literatura Surda”. Apesar de a Literatura Surda surgir no Brasil em meados da década de 1990, ela só ganha maior destaque após o reconhecimento da Libras, a partir da Lei 10.436/2002, e com o advento da tecnologia, que permite os primeiros registros em vídeos das histórias produzidas, garantindo maior visibilidade da literatura e despertando o interesse do mercado editorial para a publicação dos materiais produzidos.

As escolas de surdos, as associações e os locais de encontros surdos sempre foram os espaços de produções surdas e, principalmente, são os espaços que possibilitaram, e possibilitam, a esta comunidade, um encontro linguístico.

A Literatura Surda tem sido produzida sob três grandes eixos, Karnopp e Machado (2006) apresentam esses eixos como: o da tradução, o da adaptação e o da produção/criação. Na tradução, temos a disponibilização de textos literários produzidos em língua portuguesa e traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais, que, de acordo com Mourão (2011), contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços. Na

adaptação, as obras literárias sofrem mudanças de ordem linguística, cultural e identitária, por exemplo, obras clássicas da literatura infantil mundial ganharam, em adaptações publicadas, um traço característico da Cultura Surda a partir da língua de sinais, dessa forma teremos personagens surdos como protagonistas de suas histórias, como por exemplo: a Cinderela Surda, a Rapunzel Surda, entre outros. Já na produção, temos uma literatura feita diretamente em Libras, sem uma relação direta de dependência com textos literários das línguas orais, como exemplos dessa literatura temos o poema *Bandeira do Brasil*⁶ de Nelson Pimenta; e a produção *Mãos em Fúrias*⁷, de Eduardo Tótolí, Luciano Canesso Dyniewicz, Elissane Zimmerman Dyniewicz e Carlos Alexandre Silvestri, dentre várias outras produções, nas quais, os protagonistas são surdos e as narrativas são construídas em torno das experiências visuais, identitárias e de memórias da comunidade surda.

Como podemos observar, na Literatura Surda, principalmente na literatura produzida e na adaptada, encontramos diversos valores culturais, linguísticos e identitários pertencentes ao grupo das pessoas surdas. Através dessa literatura percebemos que várias estratégias de resistência surgem para evocar as diferentes características desse grupo. A resistência se destaca como um construto inerente à narrativa. No discurso literário da comunidade surda encontramos características do contexto social e cultural dos surdos que, por meio da literatura, se manifestam em representações linguístico-culturais.

A Literatura Surda pode se manifestar em variados gêneros textuais, tais como: poesia, história de surdos, relatos de experiências, piada, literatura infantil, clássicos, contos, romances, fábulas, lendas etc. Muitas das narrativas em língua de sinais, durante muito tempo, vinham sendo gravadas em vídeos, CD's e DVD's; mais recentemente, com o avanço da tecnologia, essas narrativas vêm sendo disponibilizadas em *blogs* e em plataformas de compartilhamento de vídeos, como o *Youtube*. Essa prática literária, além de divulgar a língua de sinais, traduz a memória das várias gerações dos povos surdos. Outras formas de registro da literatura surda têm sido representadas em livros, escritos em português, publicados por escritores surdos; e através da escrita de sinais⁸, que ainda aparece de maneira tímida nos

⁶ Disponível no *Youtube* <<https://www.youtube.com/watch?v=exlhqHgNEaE>>.

⁷ Disponível no *Youtube* <<https://www.youtube.com/watch?v=8sYWSq2pwhg&t=71s>>.

⁸ As línguas de sinais eram consideradas línguas ágrafas, ou seja, línguas sem escritas, até bem pouco tempo atrás. Porém, o surgimento de pesquisas recentes trouxe novas perspectivas sobre um modo de representação simbólica das línguas de modalidade visuoespacial, as chamadas escritas de sinais. No Brasil, há alguns sistemas de escrita de sinais em desenvolvimento, o mais conhecido entre eles é o *SingWriting – SW*.

registros literários, sendo muito mais presente na literatura infantojuvenil. Algumas das primeiras obras bilíngues (escritas em português e escrita de sinais – *SingWriting*) publicadas foram: *Uma menina chamada Kauana* (1997), *Livrinho do Betinho* (2002), *Rapunzel Surda* (2003), *Cinderela Surda* (2003) e *Feijãozinho Surdo* (2009).

Estudiosos da área dos Estudos Surdos como Karnopp (2008; 2010), Rosa e Klein (2011) e Sutton-Spence (2011) discutem a Literatura Surda e os seus impactos na história dos surdos. Nesses debates, percebemos que há a defesa de que a Literatura Surda esteja inserida no contexto de formação cidadã e humana do sujeito surdo, formação a qual todo indivíduo tem direito. E que possa integrar a aquisição da língua de sinais (e do português), de narrativas, da biografia individual e da cosmovisão acerca do mundo.

Neste artigo, trazemos para a discussão o poema “*Poesia surda para sempre*” produção em língua de sinais do professor e poeta surdo Rodrigo Custódio da Silva. Este poema está *on-line* na plataforma do *Youtube*, no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU>>.

Poesia em língua de sinais

Como vimos anteriormente, os surdos vivem e estão inseridos em uma realidade, no mínimo, bilíngue e bicultural, esta condição contribui para que a construção das identidades das pessoas surdas seja complexa. Se por um lado, os surdos são pessoas que fazem parte de uma sociedade nacional, possuem a sua língua/cultura próprias, e também compartilham da cultura ouvinte; por outro lado, eles fazem parte de uma comunidade surda que está para além do território nacional. Podemos dizer que a comunidade surda é um grupo que ultrapassa fronteiras. A cultura surda e as identidades das pessoas surdas são também criadas e traduzidas através da linguagem utilizada na poesia em língua de sinais.

De acordo com Sutton-Spence (2021, p.78), “na poesia em Libras, os artistas apresentam novas ideias de novas maneiras usando formas originais da língua”. A linguagem utilizada na poesia surda se diferencia da linguagem cotidiana, assim como em qualquer língua, os poemas em língua de sinais, têm foco na linguagem estética, além de serem fortemente visuais.

A linguagem pode ser projetada de forma regular, uma vez que o poeta usa recursos e sinais já existentes na língua com excepcional regularidade, ou pode ser projetada de forma irregular, uma vez que as formas originais e criativas do poeta trazem a

linguagem para o primeiro plano. A linguagem no primeiro plano pode trazer consigo significado adicional, para criar múltiplas interpretações do poema (SUTTON-SPENCE, QUADROS, 2006, p. 112).

Diante da ameaça da história única imposta ao povo surdo pelos ouvintes, na qual os surdos eram ensinados a negar a sua surdez e a tentar reproduzir um modelo de pessoa ouvinte, a língua de sinais vem como um instrumento muito forte de empoderamento da comunidade surda. A Literatura Surda, em especial a poesia, realizada em língua de sinais se coloca como resistência diante da ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos. De acordo com Sutton-Spence (2021), a maneira que os poemas em língua de sinais retratam as experiências surdas é uma das principais contribuições da poesia sinalizada para o empoderamento da comunidade surda.

Muitos poemas têm temas diretamente ligados aos assuntos importantes para os surdos, como por exemplo, poemas que celebram a língua de sinais e o mundo visual, as conquistas surdas, poemas que denotam a relação entre surdos e ouvintes e aqueles que falam sobre o lugar da pessoa surda no mundo. Porém, há também os poemas que trazem outras temáticas, tais como: amor, natureza, vida e morte, religião, etc.

Há um estudo realizado pela pesquisadora Peixoto (2016) que faz um levantamento de 70 poemas em Libras e os categoriza dentro de temáticas, das quais algumas estão elencadas acima. É importante frisar que todos os poemas estarão sob a perspectiva e olhar do sujeito poeta surdo, ou seja, de maneira direta ou indireta, a perspectiva “surda” estará impressa nos poemas.

Como já dissemos, as narrativas surdas, as histórias contadas pelos surdos a partir de suas experiências visuais com a realidade, podem se dar em diferentes formas, de prosa, relatos de vida, teatro, poesia, etc. Nessas narrativas, na maioria das vezes, as pessoas surdas narram eventos que aconteceram em suas vidas. As narrativas trazem personagens, protagonistas surdos; o que é narrado na história só acontece porque o personagem é surdo, ou seja, são histórias que não aconteceriam e não seriam contadas por uma pessoa ouvinte. De acordo com Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 117), “a experiência sensorial de pessoas surdas é uma característica central de muitos poemas na língua de sinais”. Essa experiência está ligada significativamente à experiência visual das pessoas surdas, não considerando o som, ou a ausência dele, nas produções dos poemas. Dessa forma, a visão é colocada em

primeiro plano, destacando a potencialidade da língua e cultura surda em seus aspectos literários.

Neste artigo, trabalhamos o poema *Poesia surda para sempre*, produzido por Rodrigo Custódio. Na descrição do vídeo postado na plataforma do *Youtube*, o poeta surdo menciona que parte deste poema é baseada em sua história de vida. Observamos que, assim como em muitos outros poemas produzidos por surdos, há no poema, *Poesia surda para sempre*, uma forte identidade visual, uma presença bem marcada dos olhos e da visão, que traz a experiência visual para o primeiro plano do poema. Neste trabalho, buscamos analisar de que forma o movimento dos olhos atua como recurso poético no poema. É interessante perceber como o movimento, a direção do olhar vai tecendo a poesia sinalizada.

Pesquisadores apontam que há pelo menos três maneiras de representar a experiência visual na poesia surda. Na primeira delas, o poema faz uso de verbos que indicam ou expressam diretamente o ato de ver; ou ainda faz menção direta aos olhos. Nesse último caso, os sinais realizados podem ser itens lexicais manuais, ou seja, sinais em que as mãos expressam as atividades dos olhos, ou sinais não-manuais, quando o próprio movimento dos olhos exerce a atividade para representar o olhar.

O recurso do movimento dos olhos representando o próprio olhar também tem destaque na segunda maneira em que a experiência visual ganha protagonismo na poesia surda. Aqui, este recurso mostra como os personagens do poema, seja ele animado ou inanimado, utilizam os olhos. Para isso, o sinalizante se valerá do uso poético da caracterização para “se transformar” na pessoa, animal ou coisa (personagem) do poema. A partir dessa caracterização, vemos retratadas no poema as atividades visuais dos personagens, ou seja, o sinalizante fará uso dos olhos (e também do seu corpo) para marcar os personagens. Isso se torna possível e “tem um impacto significativo na representação poética da experiência visual de pessoas surdas na poesia em língua de sinais” (SUTTON-SPENCE, QUADROS, 2006, p. 119) pela natureza visual dessas línguas.

A terceira maneira de representar a experiência visual na poesia surda se apresenta de forma mais externa ao poema, porém, de importância fundamental para o desempenho do efeito poético da poesia. Diz respeito ao olhar (ao uso dos olhos) do poeta/intérprete, a forma que ele estabelece “contato visual” com a plateia, incentivando-a a se envolver na mesma

atividade visual. A marcação do olhar chama a atenção para os sinais que estão sendo utilizados, para algum tipo de sinalização irregular.

No poema analisado, percebemos que as três maneiras de representar e explorar o recurso do olhar poético se fazem presentes. Observamos que cada uma delas, à medida que vai sendo utilizada, vai cumprindo o seu papel poético dentro do poema. A tessitura do texto sinalizado vai sendo construída e costurada pelo direcionamento e pelo uso poético do olhar.

Em um primeiro momento, percebemos que o poeta/intérprete, de imediato, procura estabelecer um contato visual com a câmera, buscando um contato com o telespectador que está do outro lado, com a finalidade de envolvê-lo em seu poema. O uso que o poeta faz dos olhos será fundamental para estabelecer um vínculo emocional entre o texto e o público. O contato visual estabelecido com o telespectador é retomado a cada final e/ou início de “cena” (de estrofe sinalizada), quando o poeta surdo faz uma espécie de “parada” e utiliza-se do recurso linguístico dos classificadores⁹.

A partir desse recurso, o poeta simula (realizando com as mãos o que seriam as batidas do coração) a pulsação de vida e, na sequência, a colocação de uma armadura ou de uma máscara (representando o ser surdo na sociedade); além de fazer uso de expressões faciais¹⁰ que vão expressando, no decorrer do poema, o seu sentimento diante de sua condição não reconhecida.

Observamos que logo no início do poema, ainda na primeira “cena”/verso, o poeta faz uso do verbo “VER” que expressa diretamente o ato de olhar, ele usa o verbo em outros momentos do poema. Verificamos que durante a construção do texto sinalizado, o poeta faz uso da mesma configuração de mãos¹¹ (CM) para declamar o poema, ele utiliza o classificador de “PESSOA ANDANDO” (CM em V) que irá se transformando em outros elementos textuais a depender da ação desenvolvida no texto. Dessa forma, a construção do poema vai acontecendo a partir do uso central de um classificador, e assim vão aparecendo

⁹ Os classificadores são recursos visuais importantíssimos nas línguas de sinais. Este fenômeno linguístico é uma representação visual de objetos e ações de forma “icônica”, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária.

¹⁰ As expressões faciais nas línguas de sinais são elementos linguísticos que compõem a formação da língua. Na maioria das vezes, as expressões faciais utilizadas nas línguas de sinais são expressões gramaticais que denotam sentido e significado ao sinal, podendo inclusive ser um parâmetro linguístico de diferenciação entre um sinal e outro. Porém, essas expressões faciais podem também, em algumas situações, denotar apenas expressões relacionadas a sentimentos, sobretudo na poesia, onde as expressões faciais podem ganhar outras conotações.

¹¹ A configuração de mãos está relacionada as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização dos sinais.

elementos e marcas importantes da história de vida de vários sujeitos surdos, inclusive da própria história do poeta, de como a sociedade encara a surdez e o surdo, sob a perspectiva da invisibilidade, da oralização e negação das línguas de sinais e da normatização desse sujeito, materializada no poema pelas expressões que denotam a necessidade do implante coclear.

É interessante salientar que o movimento dos olhos representando o próprio olhar está presente em todo o poema, cada verso é costurado pelo movimento dos olhos. O poeta através do ato de olhar, não somente acompanha cada entrada e saída do personagem, que representa a sociedade ouvinte, mas também interage com ele. O poema retrata a relação conflituosa entre a sociedade ouvinte e os surdos, a forma que a sociedade enxerga (ou não enxerga) os surdos, a partir da deficiência e da necessidade de ensiná-lo a falar, a torná-lo um “ouvinte”.

Percebemos que o narrador do poema inicia o texto com um certo entusiasmo, mas ao longo do texto esse entusiasmo vai virando cansaço, medo e raiva, até o momento que em um movimento de recolhimento o sujeito protagonista parece se fechar em seu mundo. Porém, num movimento de alerta e de mudança de configuração de mãos, ele assume, com orgulho, o ser surdo.

Considerações finais

Entendemos que a Literatura Surda, através de suas narrativas e enquanto expressão de representatividade de uma comunidade, tem uma relevância imprescindível, não somente, para a formação humana e cidadã do povo surdo, mas também para o resgate das memórias desse povo, que narra a sua história a partir de suas experiências vivenciadas. A Literatura Surda produzida pelo próprio surdo, a partir da língua de sinais e de uma identidade e cultura surdas, permite ao surdo conhecer as várias histórias sobre o seu próprio povo.

Chimamanda Adichie nos fala, em seu texto *O perigo de uma história única* (2019), sobre a importância das narrativas plurais na vida dos sujeitos, evitando que esse sujeito se torne “prisioneiro” de um estereótipo. É importante salientar que a literatura é também um espaço de resistência e não seria diferente com a Literatura Surda que, para além do espaço de representação artística e cultural, se apresenta como um espaço de resistência ao poder silenciador da existência surda sob a ótica social e comunitária, bem como a representação da emergência de suas “vozes”, suas mãos, em que os saberes surdos competem em tom de

equidade e interseccionalidade aos demais universos linguísticos, culturais e literários dispostos em nossa sociedade.

O poema surdo aqui estudado é um exemplo de poesia em língua de sinais, que através da linguagem artística/poética, considerando os elementos manuais e não-manuais, como o olhar, nos apresenta a experiência visual de ser surdo e nos dá dimensão para compreender a herança histórica e cultural do povo surdo.

Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSMAN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, A (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, p. 7-15.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FERREIRA BRITO, L. *Integração Social & Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997, p. 15-46. 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/2EEIssi>>. Acesso em 07 de jul. 2022.

KARNOPP, L. B. Literatura surda. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: < <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10162> >. Acesso em: 10 jul. 2022.

KARNOPP, L. B. *Literatura surda*. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância. Florianópolis, 2008. Disponível em: < <http://goo.gl/PViB6L> > Acesso em: 16 jul. 2022.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: *Cadernos de Educação*. Pelotas, RS: FaE/PPGE/UFPel, 2010, p. 155-174. Disponível em: < <http://goo.gl/fAju48> > Acesso em: 8 jul. 2022.

KARNOPP, L. B.; MACHADO, R. N. Literatura Surda: ver histórias em língua de sinais. In: *2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação*, 2006, Canoas. 2 SBECE. Canoas: ULBRA, 2006, p. 1-13.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

MIANES, F. L.; MÜLLER, J. I.; FURTADO, R. S. S. Literatura Surda: um olhar para as narrativas de si. In: KARNOPP, L.; KLEIN M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 55-70.

MOURÃO, C. H. N. Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. Porto Alegre, 2011. *Dissertação de mestrado* – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

PEIXOTO, J. O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil. *Tese* (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, 2016.

ROSA, F. S; KLEIN, M. O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais. In: KARNOPP, L.; KLEIN M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 91-112.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em Libras* [livro eletrônico]. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

SUTTON-SPENCE, R. Identificação de situação auditiva e gênero na poesia sinalizada. In: KARNOPP, L.; KLEIN M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 173-189.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de. (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2006, p. 110-165.

WILCOX, S.; WILCOX, P. *Aprender a ver*. Tradução: Tarcísio Leite. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.

ABSTRACT: The idea for this work came from the studies developed in the discipline “Studies of Narratives”, carried out in the PhD course of PPGLetras at the Federal University of Ceará. In this brief research report, we propose to investigate how Deaf narratives and Deaf memories are present and manifest themselves through Deaf Literature, seeking to verify to what extent the literary text analyzed here, produced in Libras, intersects (or does not) the

cultural aspects of Deaf narratives. For this, we established a dialogue between the texts studied and discussed in the discipline, by authors such as Adichie (2019), Assman (2011), and the studies developed in the Deaf Studies area, with Lane (1992), and more specifically about Deaf Culture and Deaf Literature, with authors such as Karnopp (2006); (2008); (2010), Sutton-Spence (2011); (2021), Sutton-Spence and Quadros (2006), among others. For the analysis, we chose the signed text *Poesia surda para sempre* (Deaf poetry forever), a literary production in sign language by Rodrigo Custódio da Silva.

KEYWORDS: Deaf Literature, Deaf Narratives, Poetry, Brazilian Sign Language.